

ANA LUIZA MOREIRA MANO

“FENOMENOLOGIA, LUTO E FINITUDE NA ANÁLISE DO FILME P.S. EU TE AMO”

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2010

ANA LUIZA MOREIRA MANO

“FENOMENOLOGIA, LUTO E FINITUDE NA ANÁLISE DO FILME P.S. EU TE AMO”

Trabalho de Conclusão de Curso como
exigência parcial para Graduação no Curso de
Psicologia, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Flavia
Arantes Hime.

Curso de Psicologia Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2010

Para Chica, Camila, Nasr, Cecília, Eduardo, Irene,
Adelaide, Téia e todos aqueles que partiram durante
a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que apoiaram a mim na realização deste trabalho, seja respeitando meu tempo de elaboração do tema; orientando a respeito do que era relevante tanto para o trabalho, quanto para meu momento; dando forças quando duvidei de minha capacidade para continuar escrevendo ou mesmo pela gentileza com que fui recebida nos meus momentos de maior debilidade.

Leia-se: Silvia, José Carlos, Cyana, José Luiz, Sidnei, Carolina, Ana Cristina, Raffaella, Lucas, Wendell, Marta, Dr. Henrique, Flavia Hime, Maria Helena Franco, Ruth Lopes, Carlos Eduardo Freire, Hélio Deliberador, Ari Rehfeld e Nichan Dichtchekenian. Saibam todos que aprendi muito ao conversar com vocês a respeito deste tema, ainda que alguns acreditassem não ter conhecimento suficiente para debater. E lembrem-se sempre que algumas vezes não é necessário tecer nenhum tipo de comentário para se fazerem entender.

Layla, Razi e Lã, aprendi mais com vocês do que se pode imaginar.

Um agradecimento especial ao João, que torna meu mundo colorido e me faz acreditar que quando for impossível é que dará certo.

Obrigada a todos, estarão sempre em meu coração.

DEFINIÇÕES DE MORTE (SEGUNDO DICIONÁRIO MICHAELIS):

Morte mor.te *sf* (*lat morte*)

1 Ato ou fato de morrer.

2 Fim da vida animal ou vegetal; termo da existência.

3 Pena capital.

4 Destruição, perdição.

5 Pesar profundo.

6 Fim, termo.

7 *Mit* Divindade representada por um esqueleto humano armado de uma foice e que a credence popular supõe ceifeira de vidas. *M. agônica*: a que é precedida de agonia. *M. civil*: perda de todos os direitos e regalias civis. *M. da alma*: estado da alma perdida pelo pecado. *M.-do-diabo*: planta dipsácea (*Scabiosa succisa*). *M. eterna, Teol*: a do pecador condenado por toda a eternidade. *M.-luz*: o mesmo que *morte-cor*. *M. macaca*: morte desastrosa e inglória. *M. moral*: perda de todos os sentimentos de honra. *M. natural*: a) perda da vida por sentença judicial; b) morte por doença ou velhice. *M. súbita*: morte rápida e imprevista. *M. violenta*: a que é causada por desastre, homicídio ou suicídio. *De má morte*: de má índole; mau. *De morte*: a) mortal: *Ódio de morte*; b) danado, terrível, insuportável. *Entre a vida e a morte*: em perigo de vida. *Para a vida e para a morte*: para sempre. *Pensar na morte da bezerra*: ficar apreensivo; meditar tristemente. *Ter visto a morte*: haver escapado de grande perigo de vida.

Ana Luiza Moreira Mano: Fenomenologia, luto e finitude na análise do filme P.S. Eu te amo, 2010.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Flavia Arantes Hime.

RESUMO

Este trabalho pretende investigar estudos sobre a morte e qual é a contribuição da fenomenologia para a discussão deste tema. O objetivo deste estudo é compreender, através de um recorte da abordagem fenomenológica, qual a vivência e o sentido (ou significado) atribuído à morte e ao morrer na cultura ocidental por pessoas que tornam-se conscientes da inevitabilidade de suas mortes e/ou das de seus entes queridos. A escolha da fenomenologia se deu por retratar como o homem, este *ser-no-mundo*, se relaciona, age, sente e habita este mundo. As diferentes vivências em relação à própria morte inevitável ou à de um ente querido trazem a perspectiva do *não ser* e a consciência de que todos iremos morrer. Este é um trabalho teórico de revisão da literatura a respeito da morte na fenomenologia, com análise e discussão fenomenológico-existenciais do filme “P.S. Eu te amo” a partir do conteúdo abordado, onde interessa saber quais as formas encontradas pelos ocidentais para lidar com as questões da morte e do morrer. A relevância do aprofundamento no tema da morte é altíssima, pois se trata de um processo pelo qual todos os seres vivos irão passar inevitavelmente. Aceitarmos que somos seres finitos é o que faz com que tenhamos a capacidade de uma existência autêntica, essa integração do conceito de morte no *ser-aí*. A morte deve se tornar, então, parte da vida. Com relação ao processo de luto não-complicado, a conclusão mais importante de Worden (1998) é que “(...) o luto pode ser influenciado pela intervenção externa.” (p.51) e isso se nota claramente no filme, uma vez que o próprio falecido é um agente externo importante na elaboração do luto da viúva, assim como a rede social, os amigos e família da personagem.

Palavras-chave: fenomenologia, análise existencial, luto, morte.

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo I - História da morte	04
Capítulo II- Morrer na atualidade	07
Capítulo III- Fenomenologia e finitude	12
Capítulo IV - Considerações sobre luto não complicado	15
Capítulo V- Método	17
Capítulo VI - Sinopse do filme P.S. Eu te amo	20
Capítulo VII- Análise e discussão	21
Capítulo VIII- Considerações finais	30
Referências	32

INTRODUÇÃO

“A vida não nos pertence genuinamente até que possamos renunciar a ela”. (HOCKING, W. E. *The meaning of immortality in human experience*. Nova Iorque: Harper, 1957)

Este trabalho pretende investigar estudos sobre a morte e qual é a contribuição da fenomenologia para a discussão deste tema. A relevância do aprofundamento no tema da morte é altíssima, pois se trata de um processo pelo qual todos os seres vivos irão passar eventualmente. Interessa saber quais as formas encontradas pelos ocidentais para lidar com as questões da morte e do morrer. O objetivo deste trabalho é compreender, através de um recorte da abordagem fenomenológica, qual a vivência e o sentido (ou significado) atribuído à morte e ao morrer na cultura ocidental por pessoas que tornam-se conscientes da inevitabilidade de suas mortes e/ou que vivenciam a morte de um ente querido.

O estudo feito a partir da revisão da literatura é um trabalho teórico, baseado na leitura de artigos, livros e textos relevantes para o tema. O levantamento dos textos se deu principalmente na biblioteca Nadir Gouveia Kfour (PUC – Campus Monte Alegre) e no site do Instituto de Psicologia 4 Estações (www.4estacoes.com). Também foram utilizadas anotações pessoais em sala de aula, congressos e simpósios realizados entre os anos de 2008 e 2010. A leitura dos textos foi desempenhada com a intenção de compreender o pensamento de cada autor. Em seguida, sínteses e reflexões a respeito de cada texto foram efetuadas, algumas vezes com dificuldades em relação ao que abranger e o que poupar: tudo pareceu muito relevante. Algumas leituras (BROMBERG, 2000; CASELLATO, 2005; CASTRO, 2001; CATERINA, 2007; FERRENTINI, 2006; FIGUEIREDO, 2006; FONSECA, 2003; HEIDEGGER, 1989; MACEDO, 2004; MARTINS e BOEMER, 2001; PIMENTA, MOTA e CRUZ, 2006) foram efetuadas, porém houve a necessidade de manter um foco mais compacto na elaboração do trabalho.

Meu interesse maior pelos temas de morte e luto surgiu quando tive a oportunidade de assistir aulas de uma matéria eletiva do curso de graduação em Psicologia da PUC-SP com a Prof^a. Dr^a. Maria Helena P. Franco, que afirma ser a morte o tabu do séculos XX e XXI. Aos seres humanos então seria necessário descontinuar a banalização da mesma e acrescentá-la a nossos projetos de vida.

A escolha da fenomenologia se deu por retratar como o homem, este *ser-aí*, se relaciona, age, sente e habita este mundo. As diferentes vivências em relação à própria morte inevitável ou à de um ente querido trazem a perspectiva do *não ser* e a consciência de que

todos iremos morrer. A leitura de autores relevantes na fenomenologia, como Boss (1975) e recortes de autores a respeito das palavras de Heidegger (1989), permitiu uma melhor compreensão da visão da fenomenologia a respeito do fim da existência.

Os autores relevantes para a compreensão do tema da morte no Ocidente, como Bauman (2008) e Ariès (1977), possibilitaram um olhar sobre as atitudes diante da morte nas culturas ocidentais. A urgência ocidental contemporânea de negar a morte pode ser colocada como fonte de ansiedade e autoalienação indefinidas. O desenvolvimento de técnicas avançadas de laboratório para prolongamento da vida nem sempre traz benefícios aos seres humanos, além do artificialismo nelas implícito, o que vai totalmente contra a natureza humana. Mortes rápidas, indolores, em casa ou na cama e com tempo para despedir-se dos entes queridos são algumas das preferências populares sobre como se gostaria de morrer. Contrastam, porém, diretamente com a maneira de morrer da atualidade: em hospitais, com recursos artificiais, de maneira impessoal.

A morte é um mistério infinito: inevitável, muitas vezes imprevisível, sem possibilidade de retorno – desconsiderando algumas crenças religiosas. Supõe-se que a morte possui uma presença antes mesmo de sua chegada. Vários autores têm-se ocupado de sua compreensão: quanto ao temor relacionado ao morrer, Feifel (1974) afirma que “a noção da singularidade e da individualidade de cada um de nós adquire significado completo somente ao conceber que devemos morrer” (p. 68). Freud uniu a ideia das tendências para a autodestruição com a da presença de um inconsciente desejo da morte nas pessoas. Ainda segundo Feifel (1974), mais adiante Melanie Klein e Paul Tillich postularam o medo da morte como raiz de toda a ansiedade e o fato do homem ser finito, sujeito ao *não ser*, respectivamente. Jung revelou a insegurança como símbolo da morte, posto que qualquer perda poderia representar uma perda total.

A propensão ao adoecimento psíquico de um indivíduo e a relação com suas crenças quanto à vida e a morte estão cada vez mais interligadas. O temor e a angústia, gerados pela questão da vida levar sempre à morte, podem explicar certas patologias que tentam anular a ideia de morte através do fechamento do eu em mundos internos (fantasias individuais), por exemplo. Foram estudados casos de tratamentos de choque que produziram efeitos positivos na medida em que forneciam “um tipo de experiência fantasista de morte-e-renascimento” (FEIFEL, p. 70). A morte deve se tornar, então, parte da vida. Aceitarmos que somos seres finitos é o que faz com que tenhamos a capacidade de uma existência autêntica, essa integração do conceito de morte no eu.

Portanto, justifica-se a realização deste estudo não só pela necessidade de dar visibilidade à experiência da morte, do morrer e ao processo de luto, mas também como contribuição à compreensão dos significados a ela atribuídos. Considera-se que estabelecer intersecções entre este corpo de conhecimentos e a fenomenologia poderá enriquecer a formação do psicólogo, que certamente se confrontará com as questões abordadas neste estudo nos âmbitos pessoal e profissional.

Os capítulos teóricos estão organizados como se segue:

Capítulo I - História da morte

Capítulo II - Morrer na atualidade

Capítulo III - Fenomenologia e finitude

Capítulo IV - Considerações sobre o luto não complicado

Capítulo V – Método

Capítulo VI – Sinopse do filme

Capítulo VII – Análise e discussão

Capítulo VIII – Considerações finais

I - HISTÓRIA DA MORTE

Para situar o tema deste estudo considerou-se relevante apresentar a evolução histórica das concepções associadas à morte e ao morrer no Ocidente a partir do século XI. Para tanto será feito um breve resumo baseado em Ariès (1977), por este autor ter-se ocupado da história das mentalidades, que faz interessantes interfaces com a Psicologia.

Com relação às atitudes diante da morte, Ariès relata que na época medieval “... não se morre sem se ter tido tempo de saber que se vai morrer...” (ARIEËS, 1977 p.17). A não ser em casos de morte brusca ou epidemias, o traspasse sempre era anunciado antes aos “selecionados”. Os avisos vinham através de um conhecimento intrínseco aos homens, assim como de fenômenos naturais. Havia então o que o autor denomina “reconhecimento espontâneo”, era a partir deste momento (quando alguém tomava conhecimento de sua morte iminente), que uma pessoa não mais poderia negar a ciência deste acontecimento tão próximo.

Levando-se em conta que a morte, até o século XVIII, era tida como um acontecimento íntimo e adjacente, a visão sobre ela acabara por suavizar-se e tornar-se um evento indiferente para os homens em geral. Pode-se observar grande variação de pensamentos e atitudes a este respeito na atualidade: hoje a morte é um tabu, sua simples existência causa medo, do mesmo modo que sua inevitabilidade.

A individualidade também é algo que tem um peso muito forte no morrer contemporâneo: os sepultamentos são feitos singularmente e em locais particulares. Em oposição, até os séculos XVI e XVII não era tão valorizada a noção de enterramentos em caixões individuais, mas sim o local de enterro. Vigorava a concepção de que o solo sagrado era o ideal para os mortos. Da mesma maneira, os costumes antigos de festejar e realizar celebrações nos cemitérios implicava numa cultura de aceitação e familiaridade com a morte do outro e com a própria finitude, que hoje quase não se encontra.

Nos séculos XI e XII a vida era vista como algo realizado em fases, sendo a morte uma delas. Atualmente a existência tem assumido nuances mais funestas, não devido ao fato de se ter consciência da terminalidade, porém pela crescente frustração na vida adulta que cada vez mais indivíduos têm sentido com respeito às realizações pessoais. A perspectiva adquirida nesta fase da vida – sobre a morte como fim da existência – traz, no entanto, maior apego ao que se tem quando se é vivo: estar ciente do “fim” pode gerar maior apreço pelo “durante”. Afloram aí muitas características e desejos individuais, posto que se deve aproveitar o tempo restante que se tem de vida. A biografia, aos poucos, vai sendo

transformada em algo valioso e que pode cessar a qualquer instante. Este dado é tanto razão de valorização da existência quanto fonte de angústia.

A maior infração do homem moderno é morrer e dar fim às suas possibilidades de *ser*. Uma quebra como esta é muitas vezes difícil e triste, quando ocorre conosco; porém tem sido mais insuportável e temida a morte do outro na atualidade. O cuidado com o outro também aumenta, a fim de evitar a fatalidade ou de apenas poupá-lo, quando não haja mais cura. Pode-se citar duas ideias que apareceram até aqui: o luto pelo outro se inicia antes da partida dele, com uma valorização da vida; tem-se cuidado excessivo com a situação da morte, evita-se a mesma como se fosse possível escapar dela. Não se trata de enganar o moribundo, mas de procurar preservá-lo do sofrimento. Perante a sociedade, a atuação gira em torno da ideia de felicidade: qualquer drama ou ação díspar desta harmonia idealizada é socialmente censurado.

Os hospitais têm desempenhado muito mais que um papel salutar, são locais onde se vai para morrer. Não se morre mais em casa, uma vez que o hospital tornou-se o único local onde a cura é possível: se morre lá justamente devido à incapacidade da cura medicinal. De fato, quando se morre afinal? Há divergências com respeito ao momento em que se deixa de *ser*. Neste sentido, a morte física pode ocorrer em um andamento diferente da espiritual. Num mundo onde a imediatividade é valorizada e buscada, não se costuma mais aguardar pacientemente pelo momento da passagem. Até as ações de eutanásia mostram a tendência ao alívio da dor alheia ou própria num tempo abreviado.

A tolerância para com a morte parece aumentar à medida que o processo em si dure o mínimo necessário. De maneira semelhante, a duração do luto é controlada com precisão, não havendo possibilidade de livre expressão dos sentimentos de perda por tempo indeterminado. O pesar tem prazo de validade na sociedade contemporânea, já que a mesma propõe que se viva buscando sempre a felicidade. Um bom exemplo das modernas limitações do luto é a cremação, que vem tornando-se cada vez mais frequente: “A cremação exclui a peregrinação.” (ARIEËS, 1977 p.55).

Deve-se levar em consideração o caráter amedrontador com relação à morte, ao invés da aparente insensibilidade com que ela vem sendo tratada pela sociedade ocidental. A verdade é que a morte faz diferença: tudo muda quando se parte para –quem sabe – nunca mais retornar. Então não se pode perder tempo, ou desperdiçar a vida com sofrimento. A alegria de viver é prioridade numa época em que se vive para não morrer. Qualquer variação deste estado de espírito deve ser rapidamente tratada e resolvida. Luto, tristeza e dor não cabem nos ideais atuais dentro de uma faixa indicativa de normalidade.

Grande contraste este, em comparação com a Alta Idade Média descrita por Ariès, onde o sofrimento não apenas era proclamado, mas “(...) a expressão mais violenta dos sentimentos mais espontâneos” (p.144). Poder-se-ia dizer que hoje não é bem vista a espontaneidade?

II - MORRER NA ATUALIDADE

O que é a morte, é apenas o fim? Quando tudo acaba, não há nada mais? Nossa cultura nos atravessa com conceitos vários a respeito da morte e do morrer. Como uma forma de reflexão a respeito de qualidade de vida e sobre qual o sentido de estarmos vivos, a morte deve ser incluída na vida. Para tal, seria importante considerarmos passado, presente e futuro ao refletir sobre os conceitos que nos são ensinados desde a infância.

Os rótulos que a sociedade atribui ao morrer, na maioria das vezes dizem respeito a um evento negativo. Segundo Cesar (2006), o modo como a mídia divulga as notícias faz parecer que esse tipo de coisa só acontece com as outras pessoas. Logo, uma revisão do conceito que se tem de morte é importante no processo de auto-conhecimento: perceber ideias que temos a seu respeito, trabalhar tabus, superar resistências.

É preciso que o sentimento de impotência perante a morte não perdure como se morrer fosse um defeito humano, uma ruína. O que se pode fazer para amenizar a insegurança diante de eventos incontroláveis e imprevisíveis é desenvolver uma auto-confiança, educar a mente a reagir com positividade perante as adversidades. A morte também traz uma separação do outro, o que pode ser muito difícil de compreender quando se trata de alguém que amamos. Uma maneira de superar essa dor é internalizar o conceito de que há tempo para tudo na vida, inclusive o de morrer: nada dura para sempre.

Encarar a morte é, em primeira instância, encarar a vida. Isso, pois não podemos negar nosso mundo interno e se o fizermos, sentimentos como vergonha, culpa e ressentimentos surgirão para impregnar nossas mentes. A solidão causada pelos sentimentos negativos é superada por meio dos movimentos diários que realizamos, com vícios e hábitos adquiridos ao longo dos anos. Mas frente à morte não há possibilidade de movimento, então qual seria o tamanho da angústia ao não conseguirmos mais o alívio para as questões internas que comumente são “deixadas para depois” e sermos obrigados a encará-las todas de uma vez? Nossa fragilidade emocional para com a morte necessita de acolhimento e diálogos a seu respeito. Deste modo, coletivamente superaremos os preconceitos que ainda rondam este tema.

Tomando-se a morte como uma forma de proibição da vida, ocorrem inúmeras tentativas artificiais de prolongamento do viver, uma vez que muitos seres humanos possuem especial deleite em procurar formas de burlar as restrições impostas pela natureza. Por que agimos desta maneira? Com alguns momentos de reflexão pode-se pensar que há relação com

um medo aterrorizante. A noção de morte é cercada pelo medo, pois ninguém parece querer algo que possa ser ruim e/ou violento para si.

Bauman (2008) trouxe um posicionamento interessante, tratando da morte como eliminação: num estudo a respeito da natureza dos *reality shows*, o autor infere que estes programas são nada menos que uma “celebração da eliminação” (p.42). Ele ainda acrescenta que não há forma nem método definitivos para evitar que o banimento ocorra, portanto não se deve perder muito tempo tentando arquitetar escapes, uma vez que eles eventualmente falharão. Outro ponto importante a ser destacado é que não se trata de justiça, mas de inevitabilidade: quando chegar a hora, deve-se ir embora sem oportunidade de retorno. Quando alguém permanece, então, é porque foi digno de continuar diante de uma cota de eliminações a cumprir semanalmente.

É ressaltado por Bauman que o medo de “jogar” e excluir outro participante não evita a piedade dos outros jogadores. Tudo isto se assemelha à vida e ao jogo a que a maioria de nós se propõe com o objetivo último de vencer a morte. Como mostram os resultados dos *reality shows*, os vencedores são aqueles que driblam o inevitável e a punição que viria como regra geral para os outros. Logo, a grande ineficácia humana em escapar da morte é escancarada com a demonstração da proximidade que temos todos deste evento. O medo do fim é então propagado sem antídotos. Passa-se uma imagem banalizada da morte, com o intuito de habituar a comunidade a algo que é tratado por esses *shows* como uma “exclusão social”.

Existem hoje *reality shows* nos quais alguns participantes têm oportunidade de retornar à competição, por motivos diversos. Não seria isto uma metáfora da ideia de reencarnação, esse desejo humano desesperado de quem sabe poder “fazer melhor” com uma segunda chance? A espiritualidade entra em cena: haveria outro mundo para seguirmos após a partida deste? Sem respostas conclusivas, fala-se de uma existência além-corpórea e da morte como libertação da alma.

Uma vez morto, não se pode mais desfrutar, escutar, contemplar, lastimar... viver! O atributo específico da morte é este – o de anular todas as outras possibilidades. Afinal, como coloca Bauman: “a única coisa que não podemos e jamais poderemos visualizar é um mundo que não nos inclua visualizando-o” (p.45). Com relação à morte, um fato é inegável: é algo que acontece a todos e que nunca pode-se estar totalmente preparado para enfrentar, seja a própria ou a de outrem. Ter consciência destas postulações é algo muito sofrido e complicado para se lidar.

Sendo a morte um desconhecido que não se pode conhecer, surgem diversos mecanismos habilidosos para que a vida com a consciência da finitude seja possível. O papel da crença religiosa no morrer, por exemplo, é de dupla focalização: não abarca apenas o medo do desconhecido que estará por vir, mas também o final das experiências até então vividas. O uso defensivo da religião acalma a ansiedade produzida pela simples ideia de morrer, do mesmo modo como a busca incessante pelas renovações estéticas e sintéticas do corpo alivia este próprio pensamento, pois indica indiretamente uma tentativa de rejuvenescimento – distanciando-se do *não ser*.

De repente, nos assistimos proferindo sobre a vida eterna e a respeito deste universo e suas limitações ultrapassáveis. A partir daí passa a ser de grande valor a vida terrena, uma vez que após o momento da morte não se pode mudar o modo como se viveu: o destino da alma está selado. Viver de maneira “digna” se torna, de acordo com algumas religiões, o caminho seguro para a salvação. O chamado “pecado original” dos cristãos motiva muitas pessoas a realizarem todo tipo de atividade em busca do afastamento deste mal, que levaria ao suposto inferno.

Outras propostas religiosas menos enfáticas com relação a céu e inferno também eclodem ao longo dos tempos, todas com alguma variação da sugestão de vida após a morte. Resta a responsabilidade social gerada pelos questionamentos que a religião propõe: que tipo de mundo e quais lembranças queremos deixar aos que ficarão? “Nós somos a continuação, o reflexo, a consequência de encarnações passadas. É a lei da causa e do efeito que dita tudo e ela está para além da vida e da morte” (GRECO, 1992, p.88).

Ser reconhecido como importante para o mundo, em vida, muitas vezes não ocorre para todos os seres humanos. Um exemplo de glória obtida por diversas pessoas – que até hoje são lembradas – é a dos soldados anônimos que morreram nas guerras por uma causa maior. A morte lhes proveu a dignidade que muitos não tiveram de outras formas em suas biografias: nações sobreviveram pela entrega das vidas destes homens – a vida eterna, ainda que em forma de memória, lhes foi concedida.

De que outras formas os seres humanos podem tornar-se imortais? Há um ditado que fala de três coisas essenciais para alcançar este patamar: escrever um livro, ter um filho e plantar uma árvore. Ao mesmo tempo em que tenta-se fugir do fim inegociável, ao fazê-lo, comprova-se que se tem consciência da existência desta condição para a vida.

A morte contemporânea ocorre por uma causa, não por ser uma necessidade e condição para a vida. Não se ouve mais falar em morte por agentes naturais: que família irá

aceitar este laudo nos dias de hoje? Sabendo a razão do falecimento, pode-se procurar uma solução para o que se torna um “problema a ser resolvido”.

Talvez seja interessante pensar no que leva o ser humano contemporâneo a agir desta forma. A finitude é inaceitável para a maioria das pessoas, ainda mais quando existem a cada dia novas maneiras de se adiar ou tentar evitar a morte. Logo, um falecimento com uma explicação científica e não por “causas naturais” seria menos difícil de aceitar, uma vez que é passada uma impressão de que se sabia exatamente o que estava acontecendo com o sujeito. Pode ser um aspecto positivo para o processo de luto esta busca de causas para a morte, um exercício auxiliar na compreensão subjetiva dos fatos.

Já que não se pode negar nem fugir da morte, ignorá-la e agir como se nada mais fosse duradouro é a atitude de muitos, uma vez que a vida é tão imprevisível. Vamos todos agir com desprezo diante das relações, transformar cada pessoa em descartável, pois assim quando elas se forem não sentiremos falta delas... Afinal, não eram dispensáveis? Como é fácil apagar alguém de seus contatos e fingir que a pessoa nunca existiu!

De onde veio toda esta necessidade de controle, de ser senhor da própria vida, que o ser humano apresenta? Não é algo que surgiu na atualidade, certamente. Entende-se que a urgência última de controlar está relacionada com a possibilidade mental de, a partir disto, optar por quando e como todos os eventos relacionados a um sujeito específico devem ocorrer. Seguramente não há controle total sobre nenhum fator nos aspectos de se estar vivo, logo, nem no modo ou tempo em que chega a hora de partir.

Além da morte subjetiva em primeiro grau, podem ocorrer outros meios de se morrer – ainda em vida (BAUMAN, 2008). Estas se denominam as mortes “em segundo grau”: quando se perde familiares e outras pessoas queridas. É importante deixar claro que nunca se preenche totalmente o lugar de quem se foi, a falta será sentida pelas peculiaridades daquele ente querido, do mesmo modo como se perde uma conexão, uma forma única de relacionar-se com outra pessoa. O isolamento de um indivíduo se dá de acordo com suas perdas, com o esvaziamento de suas conexões com o “já vivido” e com conteúdos que não mais retornarão. O que se passou vai embora junto com o outro que morre; do mesmo modo pode-se dizer que existe uma morte de cada pessoa que perde alguém, dentro daquela que se vai.

Há ainda as mortes em terceiro grau, vinculadas a términos de relacionamentos, também chamadas “as pequenas mortes do dia-a-dia”. Imaginemos algumas relações amorosas as quais, quando terminadas, levam muitas vezes à sensação de caos para quem sofre esta separação. “Não quero mais ouvir falar daquela pessoa”, alguns dizem. “Aquele ali morreu para mim”, ouve-se por aí. O que será que dói tanto, a ponto de se evitar qualquer tipo

de contato com alguém que antes foi objeto de amor e desejo? Seria o medo do vazio que fica, após qualquer grau de partida?

De qualquer modo, uma morte sempre traz um esvaziamento. Dos três tipos de morte, (primeiro, segundo e terceiro grau), pode-se notar que ocorrem diferentes esvaziamentos, mas todos relacionados com a perda de um ente querido. Existem dois pontos de vista com relação a esta perda, esse esvaziamento do ser: um ponto pessimista seria que com o esvaziamento, com a perda, ocorre uma falta, um vazio impreenchível e inexplicável e a vontade de não criar mais laços, por assim dizer. Já o lado otimista poderia ter a seguinte visão: a perda ou a despedida abre espaço para o novo, sem essencialmente haver uma obrigação de abrir mão, despedir-se ou ignorar o antigo.

III - FENOMENOLOGIA E FINITUDE

A análise existencial ou fenomenologia procura, antes de tudo, compreender a vivência humana, para depois ocupar-se de explicá-la. Não existem modelos pré-estabelecidos, mas *modos de ser* individuais e que só podem ser compreendidos com a análise particular de cada um destes estilos.

Boss (1975) trouxe mais diretamente as questões da angústia e culpa como fatores predominantes na existência humana. No caminho do impedimento da morte, o medo atua desde os primórdios a favor da sobrevivência: através de atitudes defensivas e fuga, assim como pelo sentimento de culpa, as atividades destruidoras costumam ser “interrompidas” dentro de uma mesma espécie.

Na introdução à edição brasileira de *Angústia, culpa e libertação* (1975), Solon Spanoudis menciona “(...) como a ‘Daseinsanalyse’ procura antes compreender do que explicar o existir humano através de uma iluminação mais ampla dos problemas, na qual se fundem a sensibilidade do artista, o rigor do cientista e a inquietude do filósofo.” (p.06). A crítica do livro é muito forte: propõe que os sentimentos de angústia e culpa são tratados como “distúrbios funcionais” pela maioria das teorias psicológicas atuais, onde se busca apenas uma eliminação causal para elucidar a questão.

O que se pretende explicar é que de nada serve utilizar-se de fatores causais ocorridos anteriormente para justificar situações presentes. “Só a regular sequência cronológica dos fenômenos constitui fatos observáveis e estabelecíveis.” (BOSS, 1975, p.22). Nesta medida, tentar estabelecer relações causais remove o caráter de autenticidade dos fenômenos seguintes. Em outras palavras, uma culpa que surge num indivíduo de oitenta anos não é menos legítima que a de uma criança de oito anos.

Do mesmo modo, não se nega a existência de sentimentos de angústia desde a mais tenra idade até o fim da vida, nem o fato da legitimidade destes sentimentos independentemente da época em que estes se dão.

Boss propõe a descoberta do homem como ele é, através do caráter inédito de cada fenômeno humano e não pela desconstrução do que é *ser* humano. Posto que cada um é humano a seu modo, não se deve efetuar um senso comum para definir o que opera por trás dos fenômenos.

Ainda assim não se esclarece pela coletividade o que podem ser a angústia ou a culpa. Efetivamente, a angústia psicológica sempre é “de algo” e a culpa está relacionada com algum débito a ser pago. Angústia psicológica é um dos sentidos pelos quais o homem habita o

mundo e o temor relacionado a ela é, em última escala, o do fim da existência. Tampouco há culpa sem débito, o elemento constitucional da culpa é a dívida. Viver na angústia psicológica é temer a própria vida, uma vez que existir leva à extinção. Por outro lado a única garantia que se tem é a de que um dia a vida acaba: “(...) Portanto, não será a angústia necessariamente inerente à vida, como um dote do nosso estar-aí, do qual não é possível, nem psicoterapeuticamente, se livrar?” (BOSS, 1975, p.28). Quanto à culpa, já foi dito que não se pode tentar explicá-la, apenas descrevê-la de modo palpável imediatamente quando a mesma apareça, para então averiguar sua natureza. É importante notar que ambos os sentimentos de angústia e culpa são intrínsecos ao homem, que não se pode *ser* sem os mesmos, porém não são necessariamente dotados apenas de aspectos negativos – como nenhuma estrutura de possibilidades do *ser-aí* é.

A boa notícia é que existem modos de se viver – e bem! – com estes sentidos de *ser* pelos quais o homem habita o mundo, rememorando que não são apenas a angústia e a culpa as possibilidades de *ser-aí*. A superação da angústia não está na bravura de encará-la, mas na sabedoria adquirida de que amor, confiança e “estar-abrigado” podem promover uma existência mais abrangente do que uma vida inteira de modo angustiado. A angústia psicológica atual conduz a um estreitamento da auto-compreensão humana e, por consequência, à sensação de que se está só para suportar esta questão. O amor e a confiança revelam a possibilidade de uma vida onde há algo inexorável, o morrer não é mais percebido como aniquilamento, mas uma via para diferentes experiências.

A culpa por não exercer a incumbência humana de guardião e ministro de tudo aquilo que surgir para ser alcançado decorre do fato de que jamais se vive tempo suficiente para tais feitos apresentarem andamento significativo. Livra-se deste fardo culposo quando se percebe a capacidade de se estar disponível ao que aparecer, da maneira que isto se der, ao invés de viver reservado a algumas escolhas – talvez por não sentir-se capacitado a lidar com os abundantes sentidos que até a própria existência coloca em pauta. Nesta atitude de abrir-se ao mundo e à vida, alivia-se o modo esmagador da culpa. Apropriar-se da condição humana é necessário para poder acessar os significados que aparecem durante a vida, sendo também a única maneira de se estar verdadeiramente disponível para o mundo.

O amadurecimento do homem faz parte de seu movimento de vida, porém deve-se ter em mente que nunca serão completadas suas possibilidades de *vir-a-ser*, uma vez que as mesmas são infinitas. O existir do homem é distinto de qualquer outro:

“O homem não existe que nem uma coisa, por si, que tem qualidades determinadas e que está num certo lugar. Pelo contrário, ele existe como um

conjunto singular de possibilidades de relacionamento, possibilidades que realiza, na medida em que é solicitado pelo que encontra [...] Por outro lado, se nós homens executamos as nossas possibilidades de relacionamento, não somente as conservamos, mas diante do que encontramos, elas se tornam cada vez mais perfeitas, exercitadas, treinadas e adequadas.” (BOSS, 1975, p.70)

A condição diferenciada do homem o faz reagir diante da situação de ser o único ser que sabe do fim de sua existência desde que passa a existir. De acordo com Heidegger (1989) o *ser* se define tanto pela sua presença no mundo quanto pelo fim dela. Ninguém morre como o homem, cuja vida é também *ser-para-a-morte*, por ter consciência de que tudo é provisório. Tendo a noção de que não se recupera nenhum momento, a vida se torna algo sagrado e que vale a dedicação completa desde o âmago.

IV - CONSIDERAÇÕES SOBRE LUTO NÃO COMPLICADO

Parkes (1998) especifica que “quanto maior a área ocupada por A no espaço vital de B, maior será a ruptura resultante da partida de A” (p.147). A definição de luto deste autor esclarece que este é um processo normal, que envolve uma crise de identidade psicossocial e que vai-se finalizando à medida que o indivíduo logra retomar o curso de sua vida, mantendo uma representação simbólica do finado dentro de si.

As questões de uma pessoa casada e dependente do parceiro, por exemplo, são de grande consideração quanto a problemas psicológicos advindos da perda de um cônjuge. Este mesmo autor revela que as mulheres tendem a sair com mais questões psicológicas do que os homens após a perda do cônjuge, porém os homens tendem a morrer de ataque cardíaco em seguida da perda de suas parceiras.

A idade, para Parkes (1998), não é necessariamente fator que aumenta ou diminui o pesar na perda conjugal, porém em outros casos ele afirma que os mais jovens tendem a sofrer mais. Quanto mais inesperada a morte, maior o pesar e o tempo de perturbação emocional, segundo este mesmo pesquisador. Ainda assim, ele deixa claro que em casos em que se sabe anteriormente que alguém irá falecer, existe uma tendência à supressão do luto antecipatório com o intuito de evitar o sofrimento do moribundo.

Nas pesquisas de Parkes surge outro dado interessante: as mortes precoces costumam ocasionar um processo de luto permeado por sensações prolongadas de “entorpecimento e descrença, associadas ao afastamento e a uma contínua sensação da presença do morto (...)” (p.160). O autor deixa claro que isto não impede os sentimentos de solidão, ansiedade e depressão, mas que as sensações anteriormente citadas são mais fortemente presentes do que o usual.

Um dado específico da pesquisa de Parkes é que, um ano após a perda, mais da metade das viúvas estaria com uma adaptação aceitável quanto à perda de rendimentos, problemas profissionais e preocupações com o futuro. A evitação do luto é uma ocasião para um afastamento indispensável na instalação e assimilação de novas maneiras de relacionar-se com o mundo. O ajustamento ao luto, segundo Parkes (1998) se dá melhor nas “sociedades que encorajam a expressão do pesar” (p.184) e na “proximidade física de parentes adultos com grande afinidade” (p.185).

De acordo com Worden (1998), os moldes de luto característicos dos seres humanos são discutidos numa perspectiva de saber se há como recuperar-se totalmente de um processo como este ou se apenas há danos operacionais administráveis pelo resto da vida. Claramente,

o processo de luto é imprescindível para qualquer desenvolvimento humano posterior à perda. São mencionadas quatro tarefas a serem cumpridas com o objetivo de finalizar o processo: a tarefa I é aceitar a realidade da perda; a II, elaborar a dor da perda; a III, ajustar-se a um ambiente onde está faltando a pessoa que faleceu e a IV, reposicionar em termos emocionais a pessoa que faleceu e continuar a vida.

Aprofundar-nos-emos agora um pouco mais em cada uma delas, a começar pela primeira. Deve-se compreender e acolher a ideia de que a pessoa não retornará, o que requer dois procedimentos: um mental e outro emocional. A segunda tarefa inclui a anterior no sentido de igualmente reconhecer algo, neste caso, a dor sentida pela perda. Ressalta-se que não se deve tentar suprimir o que dói neste ponto do processo, pois isto pode resultar num luto complicado. Na terceira tarefa há grande esforço ao separar o papel que o outro tinha na vida da pessoa que ainda vive, do que esta própria pessoa tem essencialmente dentro de si e sua capacidade de realização das mesmas atividades desempenhadas anteriormente pelo falecido. A pessoa que perdeu alguém precisa, durante esta tarefa, encontrar seu rumo e assim dar sentidos à perda com a finalidade de recuperar o domínio de sua biografia. Quanto à tarefa IV, não se trata de olvidar o ocorrido, mas da diminuição da necessidade de relembrar a pessoa falecida o tempo todo. É preciso encontrar um espaço emocional para deslocar as memórias, habilitando deste modo uma vida proveitosa no mundo dos vivos.

Teoricamente, após a vivência destas quatro tarefas pode-se dizer que o processo de luto se concluirá. O insucesso nestas atividades ocasiona as reações de luto complicado, que todavia não serão abordadas neste trabalho. A respeito do luto não-complicado pode-se dizer que o mesmo ocorre dentro de um apanhado de condutas e emoções “habituais” diante de uma perda. Dentre as manifestações de luto dito normal estão os sentimentos de tristeza, raiva, culpa (e auto-recriminação), ansiedade, solidão, fadiga, desamparo, choque, anseio, emancipação, alívio e estarrecimento; sensações físicas de vazio no estômago, aperto no peito, nó na garganta, hipersensibilidade ao barulho, sensação de despersonalização, falta de ar (respiração curta), fraqueza muscular, falta de energia e boca seca; cognições como descrença, confusão, preocupação, sensação da presença e alucinações; comportamentos como distúrbios do sono, distúrbios do apetite, comportamento aéreo (tendendo a esquecer as coisas), isolamento social, sonhos com a pessoa que faleceu, evitar coisas que lembrem a pessoa que faleceu, procurar e chamar pela pessoa, suspiros, hiperatividade, choro, visitar lugares/carregar objetos que lembram a pessoa que faleceu, conservar objetos preciosos que pertenciam à pessoa perdida.

V - MÉTODO

A necessidade de um método que possibilitasse o contato com a essência direta do conhecimento ocasionou o surgimento da fenomenologia. De acordo com Forghieri (2004) o método fenomenológico é o do distanciamento reflexivo: o pesquisador deve focar o fenômeno como este se deu, porém com certa distância. Para tal, ele necessita explicitar seus pressupostos envolvendo o fenômeno, para que assim possa compreender sua visão do mesmo e a partir de suas próprias experiências, aproximar-se da própria vivência daquilo e ter possibilidade de melhorar seu relato.

A fenomenologia é anti-especulativa: afirma a experiência como ela se deu. Ao invés de relações causais, ocorre a descrição dos fenômenos psíquicos vividos, como eles se deram. Em outras palavras, busca a compreensão do fenômeno a partir de relatos, mas sem analisar as descrições. Existe a teoria, porém é com a suspensão desta que se trabalha. Não se inicia trabalho algum com pré-conceitos ou vinculações a teorias da personalidade, por exemplo. Por outro lado, não se pode dizer que não haja interpretação, mas esta só se dá por meio desta compreensão do fenômeno citada anteriormente. “Não existe nada, nem o próprio nada, que não tenha um projeto de interpretação”¹. A fenomenologia é uma ciência descritiva, este é seu modo de interpretação.

O próprio ser é o que se visa alcançar, e não a aparência que este ser pode ter para a consciência que o procura descrever. É somente a consciência que pode falar de um objeto segundo a maneira como ele se apresenta, sem precisar sair de si mesmo, criar ou manter uma aparência. O fenômeno sempre está relacionado com vivências subjetivas, necessariamente ligadas a um objeto. A consciência, por sua vez, é todo o ser psíquico.

Um exemplo disto: o objetivo da análise existencial é estar atento, de forma espontânea, à espontaneidade do outro. O terapeuta deve abrir-se ao contato com as possibilidades e determinações de *ser* do outro. Muitas vezes um sujeito se distancia com relação à sua vida, para isso há o resgate do pré-reflexivo (experiências com perspectivas inacabadas, alteráveis) pela terapia, com o intuito de estimular o retorno a uma apropriação devida do contato com a própria vida. Logo, o instrumento de pesquisa serão sempre relatos/depoimentos (orais ou escritos) que favoreçam a descrição da vivência estudada.

Abre-se mão da teoria por duas razões: 1) antes da relação sujeito-objeto, na qual o sujeito sai de si para ir de encontro ao objeto, a fenomenologia diz que ocorre a experiência de

¹ Afirmação extraída de comunicação pessoal do prof. Hélio Roberto Deliberador, no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP, no ano de 2010.

ser-no-mundo; 2) a psicoterapia não precisa da teoria, necessariamente, assim como os homens não existem/vivem a partir de uma única teoria. “Uma teoria nunca vai ser boa, se ela falar de apenas uma pessoa”². Na psicoterapia, para entender-se o que faz com que uma pessoa sofra, precisa-se compreender que ela sofre por ser como é, e que isso é algo único. Logo, uma teoria comum não se aplica inteiramente a nenhum ser humano, pois ela não dá conta da especificidade de cada pessoa.

Este trabalho caracteriza-se como teórico, realizado por meio de uma revisão da literatura acerca de fenomenologia e morte, embora fique longe de esgotá-la. A partir de uma variedade grande de fichamentos das leituras feitas (ARIÈS, 1977; BAUMAN, 2008; BOSS, 1975; CESAR, 2006; FEIFEL, 1974; FORGHIERI, 2004; GRECO, 1992; HEIDEGGER, 1989; PARKES, 1998; WORDEN, 1998) optou-se por selecionar os autores aqui presentes de modo a realizar um recorte que fundamentasse os capítulos teóricos, sem perder de vista os objetivos do estudo e o tempo disponível para tanto. Esse arcabouço embasou as reflexões sobre o filme *P.S. Eu te amo*, com foco na morte e na vivência do luto. A escolha desta obra deveu-se ao fato da ação se passar na contemporaneidade, refletindo conceitos e significados sociais atribuídos à morte e ao luto, além de permitir uma análise da crise psicossocial enfrentada pela personagem principal ao tornar-se viúva. Para tanto, optou-se por seguir a sequência temporal apresentada no filme, por refletir as transformações vivenciadas pela protagonista no ano subsequente à morte de seu marido, que sabe-se ser o período mais dolorido do luto (PARKES, 1998). As cenas mais relevantes foram destacadas e compreendidas à luz dos pressupostos teóricos escolhidos.

A tematização da pesquisa ocorre com a citação do que já foi dito a respeito de tal fenômeno e em seguida é explicitado o que o pesquisador pretende estudar neste sentido. O fenômeno é então interrogado, sem que se esqueça que este sempre está sendo vivenciado, por múltiplas perspectivas, e estas devem sempre ser consideradas numa capacidade de compartilhar humana (intersubjetividade).

O processo de análise fenomenológica visa o conteúdo: há respeito total pelo que foi escrito/dito. A síntese objetiva esclarecer o que o pesquisador considerou essencial (aspectos centrais da vivência) para compreender o fenômeno estudado. Para a fenomenologia, apenas se deseja a compreensão do fenômeno. Não se deve tentar explicar o que se observou/leu, apenas descrever. Esta descrição tem um método qualitativo.

² Ver nota 1.

Na visão de homem da fenomenologia, mundo, corpo, outros e tempo são dimensões intrínsecas a este sujeito. Isto é, o homem só é homem a partir das relações permanentes e constantes que vive com estas quatro dimensões. Portanto, mundo, corpo, outros e tempo não são eventualidades, não são acasos na vida, são presenças invariáveis e persistentes. Busca-se identificar como cada pessoa vive suas relações com o mundo, consigo mesmo (corpo), com os outros e com suas transformações. Nos resultados da revisão da literatura de modo fenomenológico tem-se a apresentação da síntese do que é a vivência e como ela se dá, baseada na compreensão, espacialização e temporalização da vivência em questão.

SINOPSE DO FILME P.S. EU TE AMO

Holly e Gerry são um casal jovem, com sonhos e expectativas para o futuro. Tudo isto se transforma rapidamente com a morte de Gerry após a descoberta de um tumor no cérebro. A vida de Holly muda drasticamente nesta ocasião, porém ela começa a receber cartas de Gerry com orientações para uma “vida nova”.

A partir daí a personagem vive momentos inesquecíveis e rememora o passado, ainda que num sentido de elaboração de seu luto. Amigos e familiares discutem durante parte do filme a questão das cartas serem prejudiciais ao processo de luto de Holly, mas tudo se encaixa perfeitamente nos planos de Gerry para a esposa viúva. Conhecendo-a muito bem, o falecido marido preparou um terreno onde sua amada poderia andar com segurança após a partida dele. O resultado é que ela passa por um processo de luto não-complicado e consegue ressignificar a perda e recomeçar sua vida enquanto mulher, ainda que viúva.

Segue abaixo uma breve relação entre os nomes dos personagens e seus papéis no filme: Holly = viúva; Gerry = marido falecido de Holly; Patricia = mãe de Holly; Denise = melhor amiga de Holly; Sharon = outra amiga de Holly, que trabalha com ela no ramo imobiliário; Ciara = irmã de Holly; Daniel = amigo, pretendente de Holly e funcionário do bar de Patricia; William = rapaz que Holly conhece na Irlanda e depois descobre que era amigo de Gerry.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO FILME P.S. EU TE AMO:

Holly perde Gerry com nove anos de casamento, sendo porém ainda muito jovem. Seu marido morre devido a um tumor cerebral. No velório estão as cinzas dele, numa urna que Holly desenhou e foi então confeccionada. A cerimônia de despedida se inicia com cada pessoa bebendo uma dose de uma bebida alcoólica em homenagem ao falecido, todos colocando os copos em cima da urna. Então é disparada a canção favorita de Gerry, ao som da qual todos cantam e riem, pois a mesma é ligeiramente ofensiva e preconceituosa. O costume de celebrar a morte numa tradição de consentimento e intimidade para com a mesma é algo notável e tem um aspecto terapêutico. Apesar do ato de cremar ser a priori um modo de evitar a ida ao local de sepultamento, segundo Ariès (1977). Após este ritual, Ciara, a irmã da viúva, lhe conta que veio de muito longe para o evento pois Gerry lhe escrevera pedindo que viesse.

Antes de começar a receber as cartas, Holly vive seu luto a princípio acompanhada de sua família, optando depois por ficar sozinha em sua casa. Neste período ela busca ouvir a voz do marido falecido por meio de telefonemas para sua caixa postal. Este comportamento de isolamento social é citado por Worden (1998) em sua obra como uma fase do luto não-complicado, desde que não permaneça assim por um longo período. O comportamento de busca igualmente pode ser habitual logo após uma perda e não será patológico uma vez que não haja persistência no mesmo. Holly também fica horas assistindo a clássicos do cinema e rememora seu dia-a-dia com Gerry. Durante seu sono, ela chama por ele e lhe pede que apague a luz, assim como levanta-se da cama e o vê na casa, conversa com ele e Gerry lhe diz que está sempre com ela. Aqui pode-se apontar mais alguns comportamentos comuns ao luto não-complicado: distúrbios do sono, sonhar com o falecido e chamar pela pessoa que partiu. Do mesmo modo se notam as cognições de sensação da presença, alucinações com o falecido e alguma descrença da partida do mesmo.

No dia do aniversário de Holly, sua família decide entrar em sua casa e intervir. Ela não atendia mais ao telefone, estava usando as roupas de Gerry e não tomava mais banho, nem limpava a casa. Claramente se pode notar nesta atitude a conservação de objetos preciosos que pertenciam à pessoa falecida, de acordo com Worden (1998). Após o choque com a realidade e um banho, Holly recebe uma encomenda. O pacote contém um bolo com dizeres de Gerry, felicitando-a pelo aniversário. Juntamente com este “presente” há um gravador, com a seguinte mensagem:

“Oi amor. Surpresa! Sei que isso deve parecer um pouco mórbido mas detesto pensar que não estarei aí para ver você pirar por ter feito 30 anos. Quero morrer por não estar aí. Engraçado! Está bem. Não, não é. Vai ficar impressionada. Tenho um plano. Dá para acreditar? Escrevi cartas para você. Cartas que chegarão de tudo que é jeito. Pensei em esperar até seu aniversário pois achei que não ia sair de casa por um tempo. A carta nº1 vai chegar amanhã. Você tem que fazer o que eu disser, certo? [...] E não tente descobrir como as cartas chegam. É um plano inteligente, e iria estragá-lo. Coopere comigo nessa. Porque a questão é que eu ainda não posso dizer adeus. Então, para começar, quero que você se arrume e saia para comemorar esta noite. Saia com suas amigas. Libero você de uma festa com sua família, sobretudo sua mãe. Puxa, sua mãe está aí, não está? [...] Desculpe, Patricia. Não é que eu não goste de você, mas ela precisa fazer umas loucuras. Coma uma fatia de bolo, ponha seu vestido de festa e saia do apartamento. [...] Saiba que, onde quer que eu esteja, estou com saudades. Feliz aniversário. Eu te amo.”

A gravação que Gerry fez para sua esposa leva à reflexão de como seria para ele ter vivido a proximidade iminente com sua finitude. Como citado anteriormente, Bauman (2008) apontou a impotência do ser humano em fugir do inevitável destino que a morte traz. E mais, as consequências de se estar morto no sentido de não haver mais relação alguma com o ambiente e as outras pessoas.

A partir do recebimento desta surpresa, Holly procura fazer o que o falecido lhe pede. Ela sai para festejar e depois retorna ao bar de sua mãe. A cena seguinte se passa na despensa do bar, onde Daniel abre a porta e encontra Holly escondida lá dentro:

Daniel: “O que está fazendo?”

Holly: “Tentando entender por que Deus matou meu marido. [...] Por que você acha que...?”

Daniel: “Seu marido morreu? Talvez esteja sendo punida por algo.”

Holly: “Tipo?”

Daniel: “Ser feliz demais, bonita demais, sei lá. Deus pode ser invejoso.”

Holly: “Não acredito. Nunca fui feliz demais nem sou bonita demais.”

Daniel: “[...] Você é irlandesa. Vai ver é maldição irlandesa.”

Holly: “Bem, Gerry e eu adorávamos os Yankees... o que era contra nossa religião.”

A conversa fica um pouco mais descontraída a seguir, porém o importante é ressaltar que aqui aparece a questão da religião e de como a morte é cercada por crenças antigas de punição e/ou dívidas com Deus. Como levantado por Bauman (2008), em alguns casos a valorização da vida pode ocorrer quando se percebe que pode existir uma punição para os que não agirem “como manda a cartilha”, seja ela religiosa ou moral, e neste caso não há escape.

Holly: “[...]Você está no trabalho?”

Sharon: “Não, mas disse a ele que vamos começar na semana que vem. Você e eu vamos começar na segunda. Certo?”

Holly: “Não, eu estava planejando ficar na cama e morrer hoje.”

Sharon: “Bem, você não pode. Tem que olhar a caixa de correio, lembra-se? [...]”

Holly parece estar aceitando a realidade da perda, mas sai em disparada da casa de sua mãe para checar se chegou algum envelope em sua caixa de correio, e de fato uma carta se encontra lá.

“Evite hematomas e compre um abajur. E lembre-se: uma diva da discoteca tem que estar bem produzida. Vá comprar uma roupa de arrasar. Na próxima carta, vai precisar dela. Sei que detesta seu trabalho, mas vou ajudar. Procure um sinal. Vai saber o que fazer. P.S.: Eu te amo.”

Na cena subsequente, Holly está deitada em sua cama e comprou o tal abajur, o qual ela acende e apaga incessantemente, enquanto vê o marido falecido pela casa: *“Sinto que você está por perto. Você ainda está aqui, não?”*. A sensação da presença do falecido é uma cognição e faz parte das reações de luto não-complicado (WORDEN, 1998).

O sentimento de raiva de Holly se mostra na cena onde ela volta ao trabalho e vai vender um apartamento a um casal. Ela acaba por discutir com uma cliente, alegando que a mulher não escuta o marido e que ela o está forçando a assumir o compromisso de comprar algo mais caro do que planejou. Em seguida, Holly sai do emprego ou é demitida, não fica claro. Essa raiva citada acima é uma manifestação normal de luto, também relacionada a situações que a protagonista vivia com seu marido enquanto ele ainda era vivo. Holly inicia um percurso emocional onde revisita momentos que passou com Gerry e percebe na observação de pessoas de fora da relação o quanto suas brigas afetavam sua vida a dois, o que gera um sentimento de tristeza característico do luto e relacionado com o pensamento sobre o que poderia ter sido diferente.

Assim que chega a primavera, Holly recebe outra carta:

“Vamos lá, diva da discoteca! Karaokê este mês. Pode ser recompensada. P.S.: Eu te amo.”

Ela se recorda da vez que foi ao karaokê com Gerry, onde se machucou caindo no palco. Lembra que ficava brava por tudo com ele. Os amigos de Holly dizem a ela que Gerry sempre falava que sabia que ela era louca por ele, enquanto a viúva lamenta não ter dito isto ao marido na noite em que caiu no karaokê. Mais uma vez, aparece a tristeza, já num sentido de aceitação da realidade da perda e elaboração da dor da mesma, que são a primeira e segunda tarefas na finalização do processo de luto (WORDEN, 1998). Com a sugestão dos amigos de que ainda é tempo para dizer ao falecido o que ela sente, Holly canta no karaokê a

música que o marido sempre cantou para ela: “*vou amar você até o fim...*”. Neste episódio, a visão de Holly é apenas de Gerry sentado assistindo à performance dela, não há mais ninguém na cena além dos dois até o final da canção, quando ela chora e aparece então a real plateia. O comportamento de choro é notado em alguns momentos do filme; nesta cena a protagonista expressa também sentimentos de tristeza e culpa por não haver tratado o marido de forma mais bondosa. De acordo com Parkes (1998), é previsto um maior pesar diante de uma perda precoce.

Após a performance de Holly, Daniel senta-se para conversar com a protagonista, que está sentada ao lado da urna do falecido, a qual ela carrega para todos os lugares. Ele a convida para sair, mas ela recusa o convite. Transportar a urna é um comportamento que mostra uma dificuldade de abrir mão da presença do marido, ainda que ele não esteja mais vivo, conforme Worden (1998).

A próxima carta chega numa jaqueta de couro de Gerry que acaba de voltar da lavanderia:

“Minha jaqueta de couro é para você. Sempre gostei de como ela fica em você. Mas do resto das minhas coisas você não precisa. Faça um espaço para você nesta droga de apartamento. Chegou a hora. P.S.: Eu te amo.”

Na cena seguinte pode-se ver Holly e todas as coisas de Gerry encaixotadas, ainda com a urna ao lado da viúva. É importante enfatizar que, apesar de carregar a urna a todos os lugares, Holly dá um grande passo ao abrir mão do resto das coisas de Gerry e estender espaço para as coisas novas em sua vida. Esta atitude, de acordo com Boss (1975), é de uma abertura madura e consciente para as possibilidades de *ser*.

A viúva, após preparar a partida dos objetos do falecido, decide ir comer um sanduíche num memorial da fome irlandês com Daniel. “*Gerry achava que era o melhor modo de homenagear os mortos. Mostrar a eles como estamos vivendo bem. Desculpe, eu sempre falo dele...*”. Mais uma vez, a tendência a citar o falecido é algo que mostra intensa dificuldade em deixá-lo partir efetivamente, ainda que fisicamente a protagonista já tenha dado este passo. Daniel, o amigo e pretendente, diz que está ficando cansado de ouvir sobre Gerry. Neste momento Holly e Daniel veem um casal de idosos e comentam:

Holly: “Esse aí, sim, é um casal de verdade. Devem estar juntos desde o Dilúvio!”

Daniel: “Somos tão arrogantes, não? Temos tanto medo da velhice que fazemos tudo para evitá-la. Não percebemos o privilégio que é envelhecer com alguém... alguém que não nos leve a cometer suicídio ou não nos humilhe de uma forma irremediável. É bonito.”

Mais animada, a viúva pede ajuda de Daniel para acabar de juntar as coisas de Gerry. Ao chegarem no apartamento, ela diz que é a primeira vez que fica sozinha com outro homem no local além de Gerry: a perspectiva de que o marido se foi vai aumentando pouco a pouco.

Enquanto dorme, Holly sente Gerry abraçando-a. Ele pergunta se ela já encontrou um novo marido. Ela o questiona: “*Cale a boca. Por onde andou? Não tenho sentido você por perto ultimamente.*”, ao que Gerry responde que sempre está por perto. As cognições de sensação da presença e alucinações estão ainda presentes para a viúva, porém não tão fortes quanto anteriormente.

No verão chega mais uma carta do falecido marido para Holly. Ela então aparece numa agência de viagens e depois numa conversa com sua mãe, a qual ocorre numa das cenas mais delicadas do filme:

Patricia (mãe de Holly): “Não entendo. Você vai tirar férias?”

Holly: “É uma viagem. Gerry planejou tudo para mim, a Sharon e a Denise.”

Patricia: “É o melhor momento para tirar férias?”

Holly: “Gerry providenciou tudo. Tenho que ir.”

[...]

Patricia: “Eu dei meu apoio e não falei nada, mas está na hora de parar.”

Holly: “O que quer dizer?”

Patricia: “Não é saudável. Gerry não vai poder continuar com isso para sempre. A vida dele acabou e as cartas vão acabar. Um dia, você vai ter que enfrentar as coisas sozinha.”

Holly: “Foi um presente do Gerry. E como você pode dizer isso? Meu marido tinha 35 anos. Não tinha que morrer.”

Patricia: “Mas morreu. Foi horrível. Isso acontece. Mas a morte dele faz parte da sua vida. Deve enfrentar isso.”

Holly: “Pare de dizer que não estou enfrentando. Eu estou.”

Patricia: “Como? Esperando uma carta de um marido morto? Tirando férias? Quando seu pai se foi, tive que sustentar duas filhas.”

Holly: “Oh, desculpe por não ter filhos!”

Patricia: “Não foi o que eu quis dizer, e você sabe. Seu pai ter-nos deixado foi igualmente desolador. Mas fiz o que era preciso e segui em frente.”

Holly: “Não é a mesma coisa.”

Patricia: “Por que não?”

Holly: “Meu marido morreu, foi levado. Ele não queria ir embora.”

Patricia: “Sim, meu marido quis ir embora. E é tão mais fácil ser abandonada porque a pessoa quis, não? Eu já disse o que achava. Não vou dizer mais nada.”

A partir deste ponto começa a fase de ajustamento a um ambiente onde está faltando a pessoa que faleceu (WORDEN, 1998). Este momento não é fácil, uma vez que a viagem que Gerry planejou para a esposa e suas amigas é para a Irlanda, onde os dois se conheceram. Chegando lá, as amigas dela encontram cartas na casa alugada, com pedidos do falecido para que cuidem de Holly e a mantenham entretida. Nesta viagem Holly conhece William, músico

que toca uma canção num bar e a faz lembrar de Gerry. Ela sai do bar e suas amigas vão atrás dela:

Holly: “Por que ele quer que eu me lembre de coisas que tornam tudo tão difícil? É cruel.”

Denise: “Não sei, amiga. Não creio que ele tenha intenção de ser cruel.”

Holly: “E qual a intenção dele?”

Denise: “Não sei.”

[...]

Holly: “Estou muito zangada com o Gerry.”

Denise: “Vai ver era esse o objetivo dele. Um dia, tem que parar de desejá-lo.”

Holly: “Quando?”

O instante de raiva da protagonista se dá de acordo com sua tristeza e anseio pelo encontro com algo que a recorde de Gerry, por estar em sua terra natal. Em outro momento da viagem, as três amigas estão realizando um passeio de barco e ambas Denise e Sharon revelam notícias: uma está grávida e a outra vai se casar. Holly aparenta uma sensação de desapontamento, onde é então questionada pelas duas e relata estar em choque com muitas novidades de uma só vez. Aqui é relevante apontar que a protagonista recebe um chamado para o fato de que a vida continua, ainda que ela não demonstre saber se está pronta para apropriar-se de sua condição humana e livrar-se da culpa de não poder existir pela eternidade, esta mulher percebe que seu tempo de vida é limitado e que, de acordo com Boss (1975), deve utilizar-se dele da melhor maneira possível.

Ao reencontrar William por coincidência, Holly acaba por dormir com ele. Após este envolvimento inicial, ambos descobrem numa conversa que William era um dos melhores amigos de Gerry, da época em que o falecido residia na Irlanda. Holly fica assustada quando se dá conta do fato, mas tudo se ameniza quando o rapaz se propõe a contar passagens de sua vida com Gerry para a viúva. No dia seguinte, Holly visita os sogros. Eles a aguardam com uma carta de Gerry:

“Para minha garota de Galway. Você é um anjo por visitar meus pais. Eu falei que minha mãe não odiava você. Bem, não mais. Está sentada no meu forte, onde tive meus grandes pensamentos. Foi aqui que fiquei pensando em você, logo que nos conhecemos. [...] A vida havia mudado. E agora mudou de novo, amor. Não é de mim que eu me preocupo que você não se lembre. Mas não se esqueça da garota espontânea que você era. ‘Meu negócio é criar. O que a gente faz não importa.’ Você me disse isso, lembra-se? P.S... Bem, vá para casa. Descubra. Descubra aquela coisa que torna você uma pessoa única. Eu vou ajudar. Procure um sinal. Se precisar arrumar um emprego para viver, seja realista, amor. Não pode ser agente secreta, e não existem caça-vampiros.”

A carta leva Holly ao passado, onde conheceu Gerry e como aquilo mudou sua vida completamente. Ela relembra o momento de seu primeiro beijo juntamente à leitura das palavras dele. O que o falecido ressalta é importante: Holly deve retomar sua vida como aquela pessoa que ele conhecera, ainda com a espontaneidade, porém mais amadurecida como indivíduo, e não render-se ao sofrimento. Em geral, esta visita aos lugares que lembram a pessoa falecida não ocasionou um problema na elaboração do luto de Holly. Pelo contrário, fica claro que foi um movimento de liberação e separação do falecido.

De volta à sua casa, a viúva procura uma nova profissão. De acordo com Worden (1998), é importante que o enlutado busque descobrir uma nova direção e assim dar caminhos à perda com a intenção de readquirir o comando de sua vida. O telefone toca, ela ouve uma mensagem desagradável de Denise, que reclama da ausência da amiga viúva nas preparações de seu casamento. Holly tem um rompante de raiva, atira o telefone e derruba um retrato dela e de Gerry. Isto faz com que uma pequena peça, que ela guardava pela memória do marido, caia sobre um de seus sapatos e Holly acaba por perceber que pode trabalhar com design de calçados. Como é possível dizer que ele não estaria de fato guiando-a? Por outro lado, é importante notar o nível de elaboração do luto em que a viúva já se encontra e a diferença com relação ao início do processo.

Após este movimento de deslocamento emocional das lembranças iniciado pela protagonista, seguem-se cenas onde se pode ver Holly aperfeiçoando seu talento em relação aos calçados. Ao final desta sequência já é outono, e a personagem aparece para conversar com sua amiga Denise enquanto esta última está provando seu vestido de casamento:

Holly: “[...] Sinto muito.”

Denise: “Você tinha que ser minha primeira madrinha, mas não deu notícias. Sharon acha que ela está volumosa demais. E adivinhe só. Tive que convidar a irmã de 51 anos do Tom, que se parece com Jerry Springer e não gosta de mim, porque minha melhor amiga não suportou me ver tão feliz. Por quê? Por quê? Porque nossa vida seguiu em frente e você já não era o centro das atenções?”

Holly: “Isso.”

Denise: “É mesmo?”

Holly: “Foi horrível, e eu sinto muito.”

Denise: “Eu que sinto. Desculpe, querida.”

Holly: “Vocês estavam certas; eu, errada.”

Denise: “Eu sou uma bruxa! Desculpe! Fiquei tão brava!”

Holly: “Espero que me perdoe.”

A partir daí, Holly já demonstra alguma capacidade de superação de seu luto e reintegração no mundo dos vivos. Ela está então na quarta tarefa do processo de elaboração de

luto não-complicado, onde há uma progressiva diminuição da necessidade de relembrar (WORDEN, 1998).

Holly chama Daniel de Gerry num almoço em um restaurante, ele se ofende profundamente e vai embora. Ela então começa a perceber que não é a única que tem questões afetivas, e que também estaria sendo um pouco egoísta. Holly fica sozinha no restaurante e parece ter um estalo interno: neste evento, corre para desculpar-se com sua mãe sobre a briga anterior à viagem para a Irlanda. Ela fala de sua raiva por perder o homem maravilhoso que tinha e de que todos no fundo estamos sós. Diz que não consegue respirar e com isso demonstra uma sensação física comum ao processo de luto.

Patricia leva a filha para andar num parque. Lá ela revela que antes do pai de Holly partir, ela sorria e era muito feliz com ele. A mãe diz que a pior coisa para um pai é ver um filho caminhar para a mesma vida que os progenitores tiveram, e que ela esteve brava por muito tempo, e também exausta. Diz que a filha precisa parar de esperar: “[...] *portanto, sozinha ou não, você tem que seguir em frente. Lembre-se de que se você está sozinha, estamos juntas nessa, também.*”. Neste momento, Patricia entrega a última carta de Gerry à filha e revela que ela estava por trás de tudo, devido a uma combinação anterior com o falecido. Este é um grande marco na superação da perda: Holly agora foi obrigada a saber mais da própria capacidade de aturar a ideia de que desta vez é a última carta com algum tipo de mensagem de Gerry. Novamente se nota a necessidade de que a personagem seja autora de sua própria vida e se disponibilize para as demandas do mundo (BOSS, 1975).

Sozinha em sua casa no natal, Holly está com a urna à sua frente, em cima da mesa, e a carta no sofá, a seu lado. Ela chama por Gerry e não acontece nada, diferentemente das outras vezes, quando ela o via ou ouvia pelo apartamento. A “estranha” sensação de que a pessoa falecida não está mais neste mundo é algo importante para o andamento não-patológico do processo de luto, segundo Parkes (1998). Nesta época já é inverno e Holly sai com Daniel, momento no qual ela lhe entrega a última carta de Gerry e o rapaz a lê em voz alta para ela:

“Querida Holly, eu não tenho muito tempo. Não digo literalmente. Você foi comprar sorvete e vai voltar logo. Mas tenho a impressão de que é a última carta. Porque só resta uma coisa a lhe dizer. Não é para se lembrar sempre de mim ou comprar um abajur. Você pode se cuidar sem a minha ajuda. É para lhe dizer como você mexeu comigo, como você me mudou. Amando-me, você fez de mim um homem, Holly... e por isso eu sou eternamente grato. Literalmente. Se pode me prometer algo, prometa que sempre que você se sentir triste ou insegura ou que sua fé vacilar, você vai tentar olhar para si mesma com meus olhos. Obrigado pela honra de tê-la como esposa. Não tenho do que me lamentar. Tenho muita sorte. Você foi a minha vida, Holly,

mas eu sou apenas um capítulo da sua. Haverá mais. Eu prometo. Portanto, aqui vai meu grande conselho: não tenha medo de se apaixonar de novo. Fique atenta àquele sinal de que não haverá mais nada igual. P.S.: Eu sempre te amarei.”

Para Gerry, a despedida maior ocorreu aqui, na redação desta carta. Quanto à viúva, é algo que estaria por vir um ano após a perda, o que, segundo Parkes (1998), costuma culminar na direção de uma adequação cabível ao evento da morte e suas consequências. Imagina-se que deve ter sido muito difícil para este homem enfrentar o processo de luto antecipatório do modo que ele decidiu realizá-lo; no entanto, gerou bons frutos para o luto de sua esposa.

Holly relata a Daniel que acreditou ser um sinal quando ela estava em casa no natal e ele lhe telefonou. Então o pretendente pergunta se é isso mesmo que ela quer, tentar um relacionamento com ele, ao que Holly responde afirmativamente. O desenrolar desta cena se dá com um beijo, o qual aponta que estes dois personagens não têm química como casal e, portanto, decidem ser apenas amigos. A viúva relembra que faz um ano da morte de Gerry e diz que acha que ele realmente se foi desta vez, ao que abraça Daniel fortemente e a cena se encerra.

O filme se conclui com uma carta de Holly para Gerry:

“Querido Gerry, disse que queria que eu me apaixonasse de novo. E talvez um dia eu me apaixone. Mas existem tantos tipos de amor. Esta é minha única vida e é maravilhosa e terrível, curta e interminável... e ninguém sai dela com vida. Não tenho planos, mas está na hora de a minha mãe rir de novo. Ela nunca viu o mundo. Nunca viu a Irlanda. Então, vou levá-la aonde nós começamos. Talvez agora ela entenda. Não sei como fez isso, mas você me trouxe de volta à vida. Logo vou lhe escrever de novo. P.S.: Adivinhe!”

Este belo final inclui um encontro de Holly com William em outra ida à Irlanda sem data de retorno, desta vez com sua mãe (Patricia), no intuito de fazê-la sorrir outra vez. Pode-se constatar que o processo de luto foi vivido com intensidade e pesar, porém o resultado foi positivo para a personagem e sua rede social participou ativamente neste momento de sua vida. Como citado nos capítulos teóricos, o ajuste ao luto ocorre de forma mais benigna nas coletividades alentadoras da manifestação do pesar (PARKES, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte é uma questão que tem sido abordada de diversas formas ao longo dos tempos. A humanidade encontra-se hoje num momento cercado de um grande temor ao final de sua existência. Isto se nota através do comportamento de prevenção da terminalidade através dos cuidados com o corpo em vida, diferente do pensamento antigo, onde a mumificação, como outras ações, valorizava um futuro póstumo. Hoje, mais do que nunca, tem-se a impressão de que o homem sabe cada vez menos sobre “o que vem depois”. Qual seria a causa para o aumento do número de teorias e explicações religiosas sobre o “outro mundo”, que não este medo quase incontrolável do desconhecido? Um exemplo direto é o sofrimento prolongado que muitos entes queridos vivem à beira de sua própria partida, devido ao fato da família não conseguir abrir mão da vida do ente amado em prol da incerteza do que acontecerá a seguir com aquele parente. Quando se tem muito a perder, tende-se a arriscar menos. Talvez se fosse sabido o que ocorre após esta vida, a humanidade aceitaria melhor a ideia de morrer, sem ter ainda o controle sobre quando e como isto ocorreria.

A questão pode não ser “para onde foi o outro?”, mas “como ficarei, agora que o outro se foi?”. Analisando as fases do luto no filme PS: Eu te amo, fez-se uma discussão a respeito deste tema, em relação a um recorte da abordagem fenomenológico-existencial. O que se pretendeu discutir foi a questão do vazio e do luto ocasionados pela partida de um cônjuge, assim como a influência que pode ter uma despedida que facilite a elaboração posterior do luto. Mas seria mesmo possível estar presente na ausência? Gabriela Casellato³ articula que a presença de quem se foi é legítima, mas no sentido de que a pessoa que permanece viva leva tempo para se reconstruir internamente e, nesta reconstrução, trata de fazer a “transição entre amar as pessoas que estão presentes para amá-las em sua ausência”.

No filme, o ritual cerimonial mostra alguma maturidade com relação à morte e ao morrer, pois é celebrado com certa suavidade e menor pesar do que a literatura descreve como sendo característica da sociedade atual. Com relação ao processo de luto não-complicado, a conclusão mais importante de Worden (1998) é que “(...) o luto pode ser influenciado pela intervenção externa.” (p.51) e isso se nota claramente, uma vez que o próprio falecido é um agente externo importante na elaboração do luto da viúva, assim como a rede social, os amigos e família da personagem. O filme mostra como, após as quatro estações do ano, Holly está recuperando-se de modo não-patológico com relação a sua perda.

³ Afirmação extraída em palestra ministrada na matéria eletiva Luto e Morte, no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP, no ano de 2008.

Como um processo que todos iremos viver, concluo que é possível superar este momento de modo a continuarmos vivendo de maneira satisfatória mesmo após uma grande perda. No entanto, ainda não logro definir até que ponto é possível não temer o evento da morte de entes queridos no sentido do vazio que deixarão. Acredito que seja preciso “*saber viver*”⁴, para que não haja tantos arrependimentos quando não mais seja possível reinventar a maneira de viver ou de se *con-viver*. Viver *com* outras pessoas requer calma, cuidado, amor e carinho que em alguns momentos parecem além de nosso potencial individual. Dedicar-se à vida como ela é e amadurecer nesta dedicação é a atitude mais bela que se pode realizar enquanto *ser-aí*.

Recomendo a leitura de Ariès (1977) e Boss (1975), ambos com literatura escrita na mesma época, o que indica uma sintonia na temática daquele momento, que porém se mantém rigorosamente atual. Bromberg (2000) e Fonseca (2003) têm uma visão bastante atual e coesa sobre a temática da finitude. A leitura de *Ser e Tempo* de Heidegger (1989) é recomendável principalmente se acompanhada de um bom instrutor, dotado de muitos conhecimentos a respeito do assunto. Parkes e Worden, ambos em 1998, estabeleceram definições pertinentes às fases do luto e tarefas a serem realizadas.

Quanto à pesquisa e ao tema em si, não foi algo simples e breve de se realizar, pois é definitivamente um tema que abarca questões que perpassam por todos nós. Muitos autores são encontrados ao pesquisar este assunto, então é preciso ter um foco definido. Ainda assim, afirmo que é algo extremamente válido para todos aqueles que se permitirem ser autores de suas biografias desde cedo, pois deste modo viverão com os riscos e alegrias de *ser* quem se é.

⁴ “É preciso saber viver” - canção de autoria de Roberto Carlos e Erasmo Carlos.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Tradução de Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- BAUMAN, Z. *Medo Líquido*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BOSS, M. *Angústia, culpa e libertação: ensaios de psicanálise existencial*. Tradução de Barbara Spanoudis. São Paulo: Duas Cidades, 1975.
- BROMBERG, M. H. P. F. *A Psicoterapia em Situações de Perda e Luto*. Campinas: Ed. Livro Pleno, 2000.
- CASELLATO, G. (Org.) *Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade*. Campinas: Ed. Livro Pleno, 2005.
- CATERINA, M. *Luto adulto: fatores facilitadores e complicadores no processo de elaboração*. São Paulo, 2007. 39 p. Monografia - Curso de Aprimoramento de Luto e Perdas do Instituto de Psicologia 4 Estações.
- CATERINA, M. O luto: Perdas e Rompimento de Vínculos. 42 p. *Associação Psicanalítica do Vale do Paraíba*.
- CASTRO, D. Psicologia e ética em cuidados paliativos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, dic. 2001, vol.21, no.4, pp.44-51.
- CESAR, B. Superando o preconceito de falar sobre a morte. In FIGUEIREDO, M.T. *Coletânea de textos sobre Cuidados Paliativos e Tanatologia*. São Paulo, 2006. 110 p. Setor de Cuidados Paliativos da Disciplina de Clínica Médica da Unifesp(Ambulatório de Cuidados Paliativos).
- FEIFEL, Herman. Morte – variável relevante em psicologia. In MAY, R. (Org.) *Psicologia existencial*. Tradução de Ernani Pereira Xavier. Porto Alegre: Ed. Globo, 1974. pp. 67-82.
- FERRENTINI, T. *A morte como fenômeno subjetivo: um olhar da psicologia analítica*. São Paulo, 2006. 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- FIGUEIREDO, M.T. *Coletânea de textos sobre Cuidados Paliativos e Tanatologia*. São Paulo, 2006. 110 p. Setor de Cuidados Paliativos da Disciplina de Clínica Médica da Unifesp(Ambulatório de Cuidados Paliativos).
- FONSECA, J. P. *Luto antecipatório*. Campinas: Ed. Livro Pleno, 2003.

- FORGHIERI, Y. C. *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004 (4ª reimpressão).
- GRECO, M. Vida, morte e destino. In: BEIRÃO, Maria Fernanda S.; CASTRO, Edson O. (Org.) *Vida, morte e destino*. São Paulo: Editora C.I., 1992. pp. 83-93.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes ; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008 (3ª edição - 1ª edição brasileira em 1989). pp. 309-344.
- MACEDO, J. *Elisabeth Kübler-Ross: a necessidade de uma educação para a morte*. 2004. 198 p. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- MARTINS, M.; BOEMER, M. Produção científica sobre o tema da morte e do morrer: estudo de um periódico. *Revista gaúcha de enfermagem*. Porto Alegre, v. 22, nº 2, pp.141-156, jul. 2001.
- PARKES, COLIN M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus Editorial, 1998. pp. 144-191.
- PIMENTA, Cibele A. M.; MOTA, Dálete D. C. F.; CRUZ, Diná A. L. M. *Dor e cuidados paliativos: enfermagem, medicina e psicologia*. São Paulo: Manole, 2006.
- P.S. EU TE AMO (Nome original: P.S. I love you). Direção de Richard LaGravenese. Produção de Wendy Finerman. EUA: Cupid Distribution LLC, 2007. 127 min, DVD/NTSC, stereo, colorido.
- *Revista Bioética*. v. 13, nº 2 - 2005. Brasília, Conselho Federal de Medicina, 2006.
- WEISZFLOG, W. *Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos Ltda, 1998-2009.
- WORDEN, J. W. *Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental*. Tradução de Max Brener e Maria Rita Hofmeister. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, pp. 19-51.